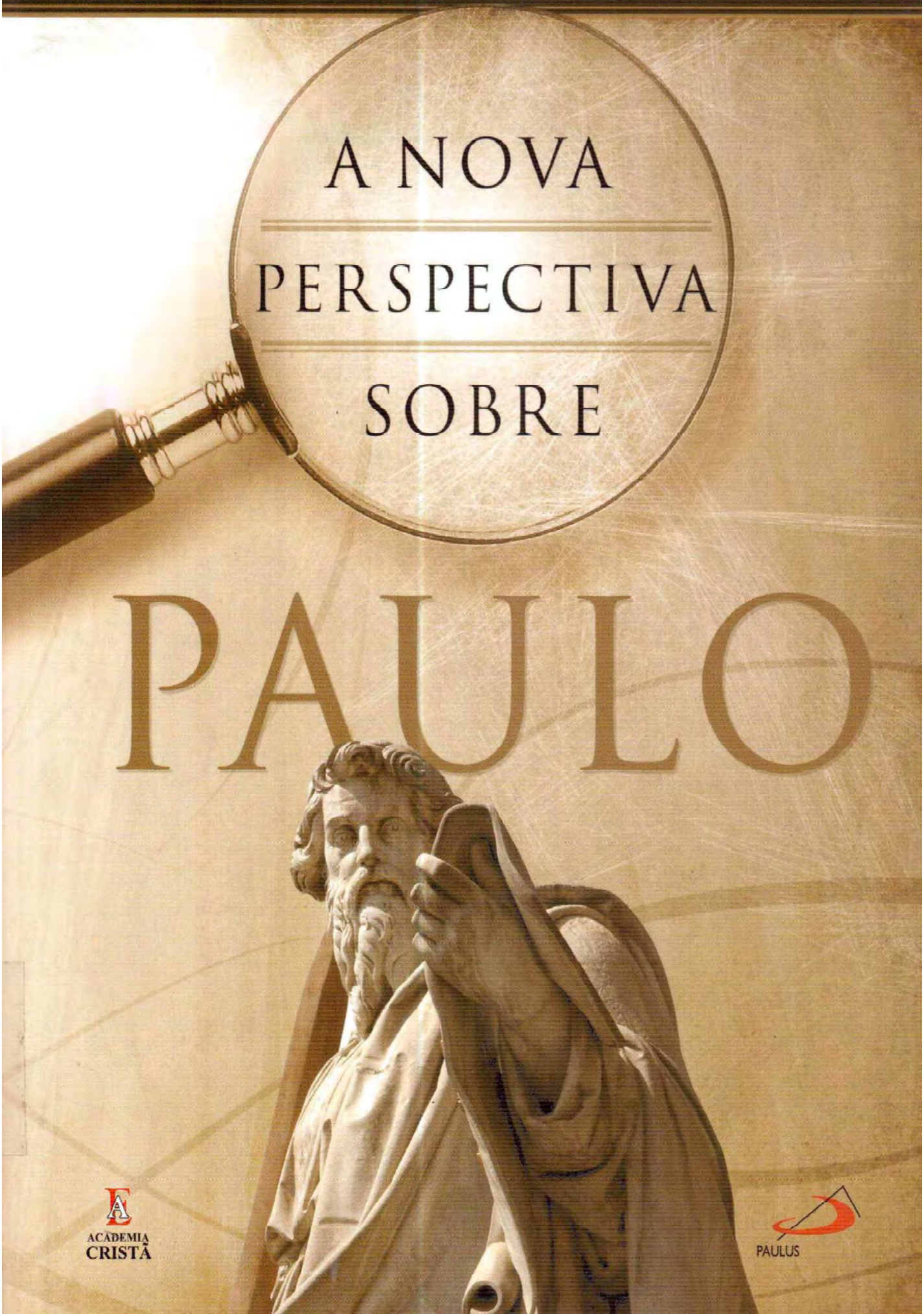
JAMES D.G. DUNN

A NOVA PERSPECTIVA SOBRE PAULO



ACADEMIA CRISTÃ

PAULUS

JAMES D. G. DUNN

A Nova Perspectiva sobre Paulo

Santo André

2011

ACADEMIA CRISTÃ

PAULUS

© Editora Academia Cristã
2005 Mohr Siebeck Tübingen, Germany

Título original
The New Perspective on Paul

Membros do Conselho Editorial
Editor-Geral: Dr. Ágabo Borges de Sousa
Mediador: Brian Gordon Lutalo Kibuuka

Conselheiros por área
Antigo Testamento:
Dr. Ágabo Borges de Sousa
Dra. Monika Ottermann

Novo Testamento:
Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Dr. José Roberto Correia Cardoso

Teologia:
Marcos Antônio Farias de Azevedo

Tradução
Monika Ottermann

Revisão
Brian Gordon Lutalo Kibuuka

Capa
James Valdana

Editoração
Regino da Silva Nogueira

Assessoria para assuntos relacionados a Biblioteconomia:
Rafael Neves

Dunn, James D. G.
A nova perspectiva sobre Paulo / James D. G. Dunn; [tradução: Monika Ottermann]. – Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo, 2011.

Título original: The new perspective on Paul

Bibliografia

16x23, 752 páginas

ISBN 978-85-98481-46-3

1. Bíblia - Novo Testamento 2. Epístolas paulinas I. Título.

CDD-227.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia - Novo Testamento - 225.1
2. Epístolas paulinas - 227.06

EDITORA ACADEMIA CRISTÃ
Rua Vitória Régia, 1301- Santo André
Cep 09080-320 - São Paulo, SP - Brasil
Fonefax (11) 4424-1204 e 4421-8170
E-mail: academiacrista@globo.com
www.editoraacademiacrista.com.br

PAULUS EDITORA
Rua Francisco Cruz, 229
Cep 04117-091 - São Paulo, SP - Brasil
Tel.: (11) 5087-3700 e Fax: (011) 5579-3627
editorial@paulus.com.br
www.paulus.com.br

Sumário

Apresentação à Edição Brasileira 9

Prefácio 23

Capítulo 1: A Nova Perspectiva sobre Paulo: de onde, o quê, para onde?... 27

Capítulo 2: A Nova Perspectiva sobre Paulo 155

Capítulo 3: Obras da Lei e a maldição da Lei (Gálatas 3.10-14) 187

Capítulo 4: A Nova Perspectiva sobre Paulo: Paulo e a Lei 215

Capítulo 5: Qual foi o problema entrePaulo e "os da circuncisão"? 231

Capítulo 6: A Teologia da Carta aos Gálatas: a questão do nomismo da aliança 261

Capítulo 7: A Justiça de Deus: uma perspectiva renovada sobre a justificação pela fé 289

Capítulo 8: E mais uma vez – "As obras da Lei". Uma resposta 315

Capítulo 9: Ecos da polêmica intrajudaica na carta de Paulo aos gálatas... 335

Capítulo 10: O que era novo no evangelho de Paulo? O problema da continuidade e descontinuidade 361

Capítulo 11: Paulo era contra a Lei? A Lei em Gálatas e Romanos: um caso de teste para um texto em seu contexto 387

Capítulo 12: À procura do fundamento comum 413

Capítulo 13: "Nem circuncisão nem incircuncisão, mas..." 451

Capítulo 14: 4QMMT e a Carta aos Gálatas 487

Capítulo 15: A conversão de Paulo: uma luz para as discussões do século XX 497

Capítulo 16: Paulo e a justificação pela fé 525

Capítulo 17: O que aconteceu com as "obras da Lei"? 545

Capítulo 18: Jesus, o juiz: outros pensamentos sobre a cristologia e soteriologia paulinas 565

Capítulo 19: *Noch einmal* - Mais uma vez "obras da Lei": o diálogo continua 587

Capítulo 20: Tinha Paulo uma teologia da aliança? Reflexões sobre Romanos 9.4 e 11.27 609

Capítulo 21: Paulo e a Torá: o papel e a função da Lei na teologia do apóstolo Paulo 633

Capítulo 22: Filipenses 3.2-14 e a Nova Perspectiva sobre Paulo 663

Bibliografia 693

Artigos originais 709

Índice de Autores 711

Índice dos Textos Bíblicos 725

Para

Tom Wright

φίλος,
συνεργὸς καὶ συστρατιωτὴς ἐπίσκοπος

Bispo amigo,
cooperador e companheiro de combate

Apresentação à Edição Brasileira

Antigas e Novas Perspectivas sobre Paulo*

As pesquisas relacionadas a Paulo no Brasil e nos países de língua portuguesa têm estado à margem das várias publicações que, em vários aspectos, envolvem alguma referência à chamada "A nova perspectiva sobre Paulo" (NPP). Tal vertente inovadora nos estudos paulinos tem em James D. G. DUNN, autor desta obra, provavelmente o seu principal, mais influente e mais lúcido autor. Desde novembro de 1982, quando DUNN utilizou pela primeira vez a expressão "A nova perspectiva sobre Paulo" no título de sua conferência na "T. W. MANSON Memorial Lecture", realizada na Universidade de Manchester, os antigos consensos a respeito das cartas de Paulo foram redefinidos ou tiveram de responder às novas questões por ele propostas, que mantinham proximidade crítica em relação às concepções de KRISTER STENDAHL e E. P. SANDERS. Posteriormente, N. T. WRIGHT passou a dar a sua contribuição ao debate, inicialmente a partir das pressuposições e questões lançadas por DUNN. Desde então, desconhecer a NPP é, de alguma forma, desconsiderar uma parcela considerável de questões que são alvo das mais intensas discussões a respeito de Paulo e suas cartas nos últimos 30 anos.

Sendo assim, urge, para o tratamento das novas questões, que os aspectos do debate estejam fundamentados na análise dos antigos consensos e na forma como Paulo fora interpretado nas múltiplas recepções de seus textos e de suas concepções teológicas. Paulo é um autor cristão cuja importância é tão significativa que se pode dizer ter sido ele o "primeiro pensador teológico do cristianismo" de que se tem

---

* Artigo escrito em homenagem ao Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira, amigo e mestre exemplar.

notícia.[1] E o fato do pensamento paulino não constituir uma repetição exata da pregação de Jesus, mas a pregação sobre Jesus segundo categorias próprias, é muito significativo – e o é a tal ponto que o querigma paulino, caracterizado pelas afirmações de ser Jesus o *kýrios* que concede a salvação inaugurada na sua morte, ressurreição e elevação, tornou-se um importante e forte testemunho. Ao mesmo tempo, o judaísmo de Paulo, manifestado nas categorias da justificação, eleição, graça etc., permitiu a conformação das suas ideias a respeito de Jesus em um corpo doutrinário coeso, coerente e facilmente transmissível aos contextos helenizados, marcados pela presença de judeus e pagãos. Tais inovações e conformações tornaram o pensamento paulino forte a ponto de se afirmar ser Paulo o verdadeiro fundador do cristianismo.[2] A profundidade, a abrangência e divulgação do evangelho paulino, assim como a biografia de Paulo, tiveram grande impacto na igreja, o que redundou na aceitação de 13 cartas vinculadas ao seu nome.[3] A recepção das cartas de Paulo se deu mediante diferentes enfoques nos últimos dois mil anos. É para tal recepção que a nossa atenção se volta, no afã de oferecer um sumário da recepção de Paulo, sumário que explica as bases da mudança do paradigma na pesquisa dos escritos paulinos pela NPP. Fazendo assim nesta apresentação, esta-

[1] Kümmel, W. G. *Síntese teológica do Novo Testamento: de acordo com as testemunhas principais – Jesus, Paulo, João.* São Paulo: Teológica, 2003.

[2] Bornkamm, G. *Paulo: vida e obra.* São Paulo, Ed. Academia Cristã, 2008. p. 146. Há certo exagero em tal concepção, já que a atuação missionária de Paulo não fundou parcela considerável do cristianismo no mundo helenístico. Paulo não foi o fundador de igrejas importantes para o cristianismo posterior (Antioquia, Alexandria e outras cidades egípcias que tinham um cristianismo vigoroso, Roma entre outras), nem mesmo consistiu a principal conformação doutrinária do cristianismo antigo. Porém, é certo que as contribuições de Paulo foram indispensáveis para o pensamento cristão sobre Jesus em muitos contextos. Como afirmam Horsley e Silberman, "cada uma das comunidades paulinas encontrava a realização de suas esperanças mais profundas e seus ideais mais recônditos na imagem específica de Cristo que ela acalentava – e todas essas imagens se afastavam progressivamente dos fatos históricos comprováveis da vida de Jesus... Nesse sentido, nas aldeias, cidades e metrópoles da Galácia e da Macedônia surgiu um novo tipo de cristianismo." Horsley, Richard A. & Silberman, Neil Asher. A mensagem e o Reino: como Jesus e Paulo deram início a uma revolução transformaram o Mundo Antigo. São Paulo: Loyola, 2000. p. 172.

[3] Goppelt, L., *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Ed. Teológica, 2003. p. 291-292.

mos indicando as razões pelas quais a publicação da obra "A nova perspectiva sobre Paulo" é tão importante para a pesquisa bíblica em língua portuguesa.

Após DESIDERIUS ERASMUS, MARTINHO LUTERO, bispo agostiniano e professor de exegese bíblica na Universidade de Wittenberg, afirmou a incapacidade humana de justificar-se do pecado, seguindo nisso o pensamento de Agostinho. Porém, a leitura de Romanos 1.17 o fez pensar na possibilidade de salvação através da "justiça de Deus". Tal reflexão o fez rejeitar o sistema de perdão e mérito mediante as indulgências, o que culminou em sua condenação formal na dieta de Worms, em 26 de maio de 1520.[4] Contra ERASMUS, porém, LUTERO afirmou ser a vontade humana escrava do pecado (na obra *De Servo Arbitrio*), indicando ser a epístola aos Gálatas a sua "epístola querida".[5]

O advento da Reforma com LUTERO constitui um importante marco na análise das cartas paulinas. A partir de LUTERO, a teologia da Reforma Protestante contrapôs as doutrinas paulinas da justificação pela fé, graça, eleição, glorificação, pecado, redenção, suficiência do sacrifício de Cristo e liberdade à leitura medieval da pregação de Paulo.[6] Quanto a CALVINO, ainda que ele não adotasse o pensamento paulino como *principium canonitatis*, ele assumiu a doutrina da justificação pela fé na divergência contra o catolicismo romano.[7]

A partir de então, a pesquisa neotestamentária se viu prisioneira do que DUNN chama de "influência negativa da conversão de LUTERO", na qual quatro elementos condicionaram as leituras de Paulo: a ideia de que a conversão de Paulo tinha de ser entendida como o *ápice de uma longa luta interior*; a explicação da justificação pela fé em termos *distintivamente individualistas*; a ideia de que a conversão de Paulo se tratava de uma conversão *do judaísmo*; e a ideia de que o judaísmo do tempo de Paulo era uma *religião degenerada*.

A análise liberal das epístolas paulinas, mesmo que tenha desconstruído vários consensos e posições tradicionais sobre os escritos

---

[4] McGrath, A. *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough*. Oxford: Oxford Press, 1985. p. 38.

[5] Luther, M. Lectures on Galatians, 1519, Capítulos 1-6. In: Pelikan, J. *Luther's Works*. Saint Louis: Concordia, 1955-1976; 55 vols; vol. 27, pp. 151-410.

[6] Bakker, J. T. *Eschatologische Prediking bij Luther*. Kampen: Kok, 1964.

[7] Berkouwer, G. C. *Faith and Justification*. Grands Rapids: Eerdmans, 1954. p. 72-74.

de Paulo, diferiu muito pouco em relação às quatro perspectivas acima descritas. Tal começou ainda no séc. XIX, com as pesquisas de Ferdinand Christian Baur. As obras principais de Baur sobre a tradição paulina são: *Paulus der apostel Jesu Christi*, de 1845 (traduzida para o inglês com o título *Paul, Apostle of Jesus Christ*, em 1876); *The Church History of the First Three Centuries*, de 1878; e *Vorlesungen über Neutestamentliche Theologie*, de 1864. O autor, fundador da chamada Escola de Tübingen, analisou os escritos paulinos sob o viés do historicismo supranaturalista de influência hegeliana. Na obra *Paulus der Apostel Jesu Christi*, Baur parte da premissa que Paulo desenvolveu sua teologia na via contrária do cristianismo primitivo, ainda fortemente vinculado ao judaísmo. Para Baur, ao se aproximar historicamente o texto paulino com os aspectos conjunturais e contextuais do restante do cristianismo do primeiro século, ficam claras as distinções entre ambos. Baur, influenciado por Hengel, partiu do princípio de que havia uma contraposição de duas facções rivais no cristianismo primitivo: a primeira facção, representada pelos seguidores de Pedro (judaizantes); e a segunda facção composta pelos paulinistas (de orientação gentílica). Este último é o "partido de Cristo", acusado pelos membros do partido de Pedro de não serem discípulos de Jesus (1Cor 1.12).[8] As concepções de Baur reforçaram ainda mais os quatro pontos das "influência negativa de Lutero". E a mesma linha de Baur quanto ao tratamento da judaicidade de Paulo foi seguida por K. Holsten,[9] H. Lüdemann e [10] O. Pfleiderer.[11]

Porém H. J. Holtzmann, ainda no escopo da contribuição liberal, concedeu uma abertura para a modificação do antigo consenso. Em

[8] Baur, F. C. Die Christuspartei in der korinthischen Gemeinde, der Gegensatz des paulinischen und petrinischen Christentums in der ältesten Kirche, der Apostel Petrus in Rom. In: *Tübinger Zeitschrift für Theologie* 4, 1831. p. 61-63.

[9] Holsten, K. *Das Evangelium des Paulus.* Vol. I-II. Berlin: Reimer, 1880, 1898. A análise racionalista e psicológica de Holsten foi também aplicada no relacionamento entre os temas da teologia de Paulo e a sua conversão no artigo Das Christusvision des Paulus und die Genesis des paulinischen Evangeliums, publicado em *ZWT* em 1861 e republicado no livro *Zum Evangelium des Paulus und des Petrus.* Rostock: Stiller, 1868.

[10] Lüdemann, H. *Die Anthropologie des Apostels Paulus und ihre Stellung innerhalb seiner Heilslehre.* Kiel: Universitätsverlag, 1872.

[11] Pfleiderer, O. *Paulinism: The Contribuition to the History of Primitive Christian Theology.* London: Williams and Norgate, 1891.

sua obra *Lehrbuch der neutestamentlichen Theologie*, publicada em 1897, ele analisou os temas e motivos de Paulo segundo a antropologia grega. Segundo HOLTZMANN, apenas a experiência pessoal de Paulo poderia tornar as suas opções teológicas mais claras. Tais opções, uma vez assumidas, são expressas mediante categorias gregas que o influenciaram fortemente na formação de suas experiências e ideias. Para HOLTZMANN, Paulo assume os temas gregos sem abdicar daqueles que eram próprios à sua formação judaica, sendo o próprio apóstolo uma síntese entre os dois modos de pensar. Assim, ética e direito, idealismo e realismo, paradoxos aparentemente irreconciliáveis, fazem parte do pensamento do mesmo autor, tornando seu evangelho peculiar, único, singular.[12] Segundo HOLTZMANN, em lugar de um abismo entre Jesus e Paulo, o que há na verdade é uma transposição do pensamento de Jesus para o mundo grego a partir de um vetor fortemente influenciado pela mensagem cristã.[13] A pesquisa liberal de HOLTZMANN, no afã de desfazer o abismo que separava Jesus e Paulo na pesquisa que o precedia, acabou por estabelecer uma abertura para a afirmação da judaicidade de Paulo, ainda que ele tenha descrito Paulo nos termos de uma religião ético-mística, vinculada à forte experiência interior no caminho para Damasco – e nisto, a influência de LUTERO continuava a ser significativa.[14] Por tal razão, a conclusão de HOLTZMANN é que a teologia paulina seria uma expressão metafísica com vistas a alcançar os seus interlocutores gregos.[15]

A crítica W. WREDE na obra *Paul*, de 1904, acabou por distanciar novamente Paulo de sua judaicidade. WREDE teceu críticas em sua obra à dicotomia religião/teologia, afirmando a respeito de Paulo que a sua teologia é uma cristologia que tem seu centro na redenção executada por Cristo.[16] Tal redenção e a sua consumação são narradas por Paulo em termos mitológicos e judaicos, aplicados por Paulo a Jesus sem que ele tivesse consciência de que tais pressuposições modificavam de

[12] Holtzmann, H. J. *Lerhbuch der neutestamentlichen Theologie*. Freiburg: Leiden, 1897. p. 256-257.

[13] Ridderbos, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 18.

[14] Holtzmann, H. J., *idem*, p. 256-257.

[15] *Idem*, ibidem. p. 76-78.

[16] Wrede, W. *Paulus: Religionsgeschichtliche Volksbücher für die deutsche christliche Gegenwart*. Halle: Gebauer-Schwetschke,1904 . p. 103-104.

forma significativa a figura histórica de Jesus.[17] Para Wrede, a diferença entre Jesus e Paulo é tão significativa que ele afirma: "daquilo que para Paulo é tudo, Jesus nada sabe".[18] Daí por diante, Wrede abriu o caminho para que a nascente *religionsgeschichtliche Schule* encontrasse espaço para apontar as verossimilhanças entre os temas paulinos e aqueles que faziam parte das religiões pagãs do seu contexto. Os historiadores e filólogos F. Cumont,[19] A. Dieterich[20] e R. Reitzenstein[21] fizeram análises comparativas dos atos sacramentais das religiões de mistério, do judaísmo e de várias religiões pagãs. Em 1912, W. Heitmüller, em sua investigação sobre os grupos distintos pertencentes ao cristianismo primitivo a partir da comparação entre religiões, afirmou existir uma terceira expressão do cristianismo primitivo para além das propostas pela Escola de Tübingen,[22] as quais tinham certa aceitação até o início do séc. XX. Heitmüller defendia a existência da comunidade primitiva palestinense, do cristianismo paulino propriamente dito e do chamado "cristianismo helenista".[23] O cristianismo helenista, radicado em Antioquia, evidenciaria a transição cultural e teológica que permitiria uma melhor caracterização da transição paulina, representando a migração de um dos grupos (Paulo era fariseu) para o outro pólo ("apóstolo dos gentios"). Entre um e outro, Paulo experienciou o cristianismo helenista de Antioquia da Síria.

---

[17] *Idem, ibidem.* p. 95.

[18] *Idem, ibidem.* p. 103.94.

[19] Cumont, F. *Les religions orientales dans le paganisme modern: conférences faites au Collège de France.* Paris: Leroux, 1906.

[20] Dieterich, A. *Eine Mithrasliturgie.* Leipzig: Teubner, 1903.

[21] Reitzenstein, R. *Poimandres: zur griechisch-ägyptischen und frühchristlichen Literatur.* Leipzig: Teubner, 1904. Ver também: *idem, Die hellenistischen Mysterienreligionen: Ihre Grundgedanken und Wirkungen.* Leipzig: Teubner, 1910.

[22] Para Baur, o conflito entre os grupos divergentes era intenso, de forma que houve tentativas de mediação entre os partidos. Tais tentativas estão presentes em Tiago, 1 Pedro e 2 Pedro (principalmente 2Pd 3.15), culminando numa síntese final: a teologia joanina. Ainda assim, o pensamento paulino perdurou, pois formulou o conceito de doutrina. Segundo Baur, "o conceito paulino de doutrina é o momento mais significativo no desenvolvimento histórico do cristianismo primitivo" – Baur, F. C. *Vorlesungen über neutestamentliche Theologie.* Tübingen: Ludwig Friedrich Fues, 1864. p. 129.

[23] Heitmüller, W. Zum Problem Paulus und Jesus. In: *Zeitschrift für Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche,* 13, 191. p. 320-337.

ALBERT SCHWEITZER é outro importante teólogo bíblico, cuja pesquisa mais relevante é sobre o Jesus histórico, mas a esta segue uma importante contribuição sobre a interpretação de Paulo. Após a conclusão da obra *Von Reimarus zu Wrede*, em 1906, SCHWEITZER passou a escrever a respeito dos textos paulinos em oposição à pesquisa da *religionsgeschichtliche Schule*. O início das análises de SCHWEITZER a respeito de Paulo se dá quando o autor começa a lecionar sobre o ensino paulino a respeito do "estar em Cristo".[24] Em 1911, o autor publica a obra *Geschichte der Paulinischen Forschung von der Reformation bis auf die Gegenwart*. A obra é uma continuação da história da pesquisa crítica sobre a vida de Jesus exposta na obra de 1906, agora sob o ponto de vista da fé das comunidades primitivas, que assimilaram assuntos da teologia grega na mais antiga proclamação cristã.[25] SCHWEITZER chama as categorias da cultura grega de "misticismo", e afirma que houve adaptação da proclamação apocalíptica jesuânica para o contexto grego, o que tornou possível a sobrevivência do cristianismo em terras pagãs. Na obra *Die Mystik des Apostels Paulus*, de 1930, o autor afirma que tal procedimento feito por Paulo não apenas resguardou o cristianismo, mas modificou as tradições mais antigas advindas da Palestina, tornando-as mais assimiláveis para a utilização dos primeiros missionários cristãos.[26]

As pesquisas sobre as relações de Paulo com Jesus e a formação de um *kérygma* paulino com formas literárias peculiares e temas inovadores teve continuidade com R. BULTMANN. BULTMANN é o mais importante acadêmico da teologia bíblica do séc. XX. A primeira obra de BULTMANN sobre o pensamento paulinoé *Der Stil der paulinischen Predigt und die kynisch-stoische Diatribe*, publicada em 1910. Nessa, BULTMANN discute formalmente as diatribes paulinas, iniciando assim as suas incursões na *Formgeschichtelische Schule*. Para BULTMANN, a pregação de Paulo utiliza formas literárias dos filósofos cínico-estóicos, sendo a diatribe uma delas.[27] Após a publicação

---

[24] Schweitzer, A. *My Life and Thought: An Autobiogrpahy* [from *Aus Meinem Leben und Denken* (Leipzig: Felix Meiner, 1931). London: George Allen & Unwin Ltd., 1933. p. 142.

[25] Schweitzer, A. *Geschichte der Paulinischen Forschung von der Reformation bis auf die* Gegenwart. Tübingen: Mohr, 1911.p. v.

[26] Schweitzer, A. *Die Mystik des Apostels Paulus*. Tübingen: Mohr, 1930.

[27] Bultmann, R. *Der Stil der paulinischen Predigt und die kynisch-stoische Diatribe*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1910. p. 107.

por Barth de *Der Römerbriefe*, Bultmann recebe bem a teologia dialética, estabelecendo correspondência com o autor suíço.[28]

Bultmann passou a publicar a partir do final da década de 1920, obras sobre a relação entre o *kérygma* de Jesus e Paulo. Em 1929, publicou *The Significance of the Historical Jesus for the Theology of Paul*, artigo em que Bultmann afirma que Paulo reflete indiretamente a tradição sobre o Jesus histórico, principalmente em sua ética, de forma que o ensino de Jesus, importante na tradição sinótica, é irrelevante e praticamente inexistente em Paulo.[29] No artigo, o teólogo de Marburgo ainda afirmou que ambos, Jesus e Paulo, baseiam-se na lei: o primeiro, na lei do amor; o segundo, na situação do homem como pecador diante de Deus. Por sua vez, o artigo *Jesus and Paul*, publicado em 1936, continua a tratar da relação entre os dois principais personagens do cristianismo na concepção bultmanniana, juntamente com João.

A principal obra de Bultmann é a Teologia do Novo Testamento, publicada entre 1948 e 1953 em dois volumes. Na obra, Bultmann analisa o *kérygma*, enfatizando principalmente o pensamento e a teologia de Paulo, o que se vê pelo número de páginas dedicado ao tema. Bultmann oferece em sua *magna opus* uma detalhada análise filológica, uma coerente análise teológica e uma exposição a partir de questões a respeito da existência humana, tendo por base a filosofia existencial de Heidegger. Bultmann assevera que há um ponto escatológico comum entre Jesus e Paulo: o apelo à decisão. Porém, a teologia paulina, em sua cristologia e eclesiologia, é condicionada pela *gnôsis*, assumindo por isso uma visão de mundo pessimista e uma tendência dualista que abrange todo o cosmos.[30] Tal visão dualista funde mito e apelo à decisão; funde narrativas de caráter mítico e asseverações éticas.[31] Sendo assim, o trabalho do intérprete moderno é demitologizar os conteúdos do *kérygma* paulino, para obter assim acesso ao conteúdo que serve à decisão e permite a vivência segundo a fé. As teses de Bultmann não

[28] Jaspert, B. (ed.) *Karl Barth – Rudolf Bultmann Letters 1922-1966*. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.

[29] Bultmann, R. The Significance of the Historical Jesus for the Theology of Paul. In: *Faith and Understanding*. London: SCM, 1969. p. 220-246.

[30] Bultmann, R. *Primitive Christianism in Its Contemporary Setting*. London: Thames and Hudson, 1956.

[31] Bultmann, R. *Kerygma and Mith: a Theological Debate*. New York: Harper & Row, 1953. p. 19-21.

apenas lançam Paulo em um nível ainda mais profundo de gentilismo – elas são muito importantes para a quase ausência de tratamento da judaicidade de Paulo na pesquisa em meados do séc. XX. A pesquisa de BULTMANN encontrou apoio em autores importantes como E. HAENCHEN, E. KÄSEMANN,[32] W. SCHMITHALS,[33] E. FUCHS,[34] G. BORNKAMM,[35] P. VIELHAUER[36] e E. BRADENBURGER.[37]

Mesmo as reações conservadoras a BULTMANN não passaram de tentativas de ordenação cronológica a partir de um esquema evolutivo do pensamento de Paulo. C. H. DODD, na obra *The Apostolic Preaching and Its Developments*, de 1936, aceitou a premissa de BULTMANN de que a pregação de Paulo é escatológica. Porém DODD afirmou ser escatologicamente relevante para Paulo a morte e ressurreição de Jesus, de forma que os conteúdos escatológicos formados a posteriori do evento crítico constituem uma escatologia realizada. SABATIER,[38] MACHEN,[39] MUNDLE,[40] C. H. DODD,[41] FASCHER,[42] DAVIES,[43] BRUNOT,[44] SCHOEPS[45] e AMIOT[46] chegaram à conclusão de que o pensamento paulino, longe de ser mono-

[32] Käsemann, E. Kritische analyse von Phil 2.5-11. In: *Exegetische Versuche und Besinnungen*, I, 1960. p. 69-71.

[33] Schmitals, W. *Gnosticism in Corinth: An Investigation of the Letters to the Corinthians.* Nashville: Abingdon Press, 1971. p. 87-89.

[34] Fuchs, E. *Die Freiheit des Glaubens, Römer 5-8 ausgelegt.* München: Kaiser, 1949. p. 18-21.

[35] Bornkamm, G. *Das Ende des Gesetzes: Paulusstudien.* München: Kaiser Verlag, 1952. p. 139-156.

[36] Vielhauer, P. Erlöser im Neuen Testament. In: *RGG*, II. p. 379-381.

[37] Bradenburger, E. *Adam und Christus: Exegetisch-religionsgeschichtliche Untersuchung zu Römer 5.12-21 (1Kor 15)* 1962. Neukirchen:Vluyn,1962. p. 12-14, 68-71.

[38] Sabatier, A. *L'apôtre Paul. Esquisse d'une histoire de as penseé.* Strasbourg: Treuttel et Wurtz, 1870.

[39] Machen, J. G. *The Origin of Paul Religion.* New York: Macmillan, 1921.

[40] Mundle, W. *Das religiöse Leben des Apostels Paulus.* Leipzig: 1923.

[41] Dodd, C. H. The Mind of Paul: (1) Psychological Approach; (2) Change and Development. In: *Bulletin of the John Rayland Library*, 17, 1933. p. 91-105; 18, 1934. p. 69-110.

[42] Fascher, E. Paulus. In: *Pauly-Wissowa Supll.*, 8, 1956. p. 431-466.

[43] Davies, A. P. *The First Christian*: A *Study of St. Paul and Christians Origins.* New York: Farrar, Straus and Cudahy, 1957.

[44] Brunot, A. *Saint Paul et son message.* Paris: Artheme Fayard, 1958.

[45] Schoeps, H.-J. *Paulus. Die Theologie des Apostels im Lichte der jüdischen Religionsgeschichtliche.* Tübingen: Mohr, 1959.

[46] Amiot, F. *Les idées maîtresses de saint Paul.* Paris: Lectio Divina, 1959. p. 24.

lítico, apresenta variação significativa, podendo ser dividido em: etapa das Epístolas aos Tessalonicenses, em que o pensamento paulino estava concentrado nas ênfases da tradição mais antiga, a tradição escatológica; etapa das grandes epístolas, oportunidade na qual o encontro com o helenismo exigiu a adaptação por parte de Paulo, que procurou tratar dos temas da libertação da Lei e dos princípios éticos pelas listas e lições morais; e, por fim, a etapa das Epístolas do Cativeiro, em que Paulo se concentra no tema da revelação do mistério de Cristo.[47]

A *Nova Perspectiva Sobre Paulo* (NPP)[48] é uma proposta de mudança na leitura dos textos paulinos segundo os critérios tradicionais dos autores protestantes, particularmente LUTERO e CALVINO, que analisam a teologia paulina como expressão de uma soteriologia de natureza forense. Tal leitura também privilegia os textos paulinos em detrimento aos demais textos canônicos.[49] E. P. SANDERS foi o primeiro, na década de 1970, a chamar a atenção para o pensamento judaico de Paulo, na obra *Paul and the Palestinian Judaism*.[50]

A NPP se tornou viável a partir da ruptura de certos consensos na descrição do judaísmo palestinense, particularmente aqueles que faziam parte da visão protestante tradicional, que de certa forma foi perpetuada nas pesquisas posteriores.

A soteriologia protestante tem ligações muito estreitas com a "teologia paulina", lida como pensamento oposto ao judaísmo. Tal fissura explica a divisão, no protestantismo tradicional entre fé e obras, lei e evangelho, judeus e gentios. Porém, tais dicotomias remontam à categorização do judaísmo feita no período medieval tardio. Os Reformadores aceitaram acriticamente tais categorizações e vincularam os conceitos negativos atribuídos aos judeus também aos católico-

---

[47] As três etapas podem ser encontradas em: Cerfaux, L. *O cristão na teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003. p. 20-22.

[48] A expressão "Nova Perspectiva Sobre Paulo" (*New Perspective on* Paul) foi criada por J. Dunn. Ver: Dunn, J. D. G. The New Perspective on Paul. In: *Bulletin of the John Ryland's* Library, 65, 1983. p. 95 -122.

[49] Westerholm, S. *Perspectives Old and New on Paul*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004. p. 3.

[50] Sanders, E. P. *Paul and the Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion*. London: SCM Press, 1977.

-romanos.[51] Em seguida, as pesquisas dos sécs. XVIII, XIX e XX até BULTMANN, seus discípulos e seus opositores concordaram, em maior ou menor grau, com os quatro aspectos da "influência negativa da conversão de LUTERO". A descrição artificial a respeito do judaísmo começou a ser criticada com as contribuições de G. F. MOORE e C. G. MONTEFIORE. G. F. MOORE demonstrou que as fontes citadas pelos autores do séc. XX eram, em grande parte, textos cristãos com teor antijudaico, e que a religião de legalismo geralmente descrita pelos biblistas não corresponde ao judaísmo do primeiro século.[52] Seu texto clássico, intitulado *Judaism in the First Centuries of the Christian Era: The Age of Tannaim*, de 1927, representa uma importante crítica ao consenso formado em torno de WEBER. Quanto a MONTEFIORE, o autor publicou a obra *Rabbinic Literature and Gospel Teachings* em 1930, em que questionava a abrangência das fontes citadas por WEBER e a leitura que o mesmo fazia de tais fontes.[53]

A crítica a tais equívocos na leitura de Paulo continua a ser feita por E. P. SANDERS na obra *Paul and Palestinian Judaism*, de 1977. Na obra, SANDERS identifica a exposição equivocada do judaísmo nas obras que foram consultadas por expositores do pensamento paulino. E em sua reconstituição do judaísmo palestinense, o autor afirma que este não era, no primeiro século, uma religião de obras, feitas para a obtenção da aprovação por Deus e entrada no pacto. Para comprovar tal ideia,

---

[51] Stendahl, K. The Apostle Paul and the Introspective Conscience of the West. In: Meeks, W. A. (ed.). *The Writings of St. Paul*. New York: W. W. Norton & Company, 1972, p. 426.

[52] A descrição artificial a respeito do judaísmo perdurou praticamente intocada durante três séculos, encontrando, porém, uma sistematização no texto de F. Weber, intitulado *System der altsynagogalen palästinensischen Theologie*, de 1880. O texto de Weber tornou-se a base de consulta de biblistas influentes como E. Schürer, na obra *Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi*, de 1901; e W. Boisset na obra, de 1906. A reconstituição do *kérygma* primitivo foi empreendida por R. Bultmann. Porém, na reconstituição do judaísmo do primeiro século, Bultmann consultou as obras de Bossuet, Schürer que, entre outros, retomavam as conclusões de Weber. O resultado final foi a manutenção do esquema artificial que, desde a Reforma, pauta a investigação protestante, limitando-a a descrever Paulo como propagador de um antijudaísmo programático.

[53] Montefiore, C. G. *Rabbinic Literature and Gospel Teachings*. London: Macmillan, 1930.

recorre à literatura Tanaítica, aos Manuscritos do Mar Morto e aos Apócrifos e Pseudepígrafos. Em suas conclusões, SANDERS afirma que o judaísmo da época de Paulo compreendia a salvação como eleição e pacto, resultado da escolha de Deus por Israel. A lei observada pelos judeus era praticada para a manutenção da relação pactual com Deus, e não para a entrada no pacto. Sendo assim, o tema da paulino da justificação é um tema extraído da leitura judaica da Torá, e não oposto ao judaísmo da época.[54] O nome dado por SANDERS para a relação entre a eleição e a obediência à lei é "nomismo da aliança", pois o centro de toda a vida judaica consistia no pacto gracioso de Deus com o povo, sendo a lei o caminho de Deus com o mesmo, a manifestação da relação pactual entre ambos.[55]

E. P. SANDERS destaca que a ideia de justificação é própria da teologia judaica, não sendo, porém, mero ato judicial. Com tais comentários, SANDERS tece críticas ao *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* editado por GERHARD KITTEL, afirmando que os conceitos de 'obras' e 'justificação' da obra não encontram respaldo no pensamento de Paulo ou no judaísmo com que Paulo dialoga.[56] Fazendo assim, SANDERS objeta a interpretação tradicional das obras da lei em Gálatas e Romanos, afirmando que tais foram mal compreendidas.

É neste contexto que surge James D. G. DUNN, que contribui à pesquisa afirmando que Paulo compreendia a si mesmo como chamado/vocacionado (e não como convertido), de forma que ele se diferenciava dos gentios que aderiram às comunidades paulinas (1Ts 1.9-10). Quanto às obras da lei, DUNN cita os textos de Qumran para afirmar que tal temática é própria do judaísmo da época, sendo uma referência à circuncisão (Gl 2.3,7-9,12; 5.2), ao calendário religioso (Gl 4.10) e à observância das leis alimentares (Gl 2.12-14). Assim, são demarcadores de fronteiras entre judeus e pagãos.[57] DUNN destaca que o contexto social e histórico são insígnias do judaísmo, mas não percursos soteriológicos fechados. Sendo assim, Paulo entenderia que tais podem ser abdicadas

---

[54] Sanders, E. P. *Paul and Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion.* Minneapolis: Fortress Press, 1977. p. 422. Na obra, o autor enumera sete aspectos

[55] *Idem. Judaism: Practice and belief 63 BCE-66 CE.* London: SCM, 1992. p. 262.

[56] Sanders, E. P. *Paul, the Law and the Jewish People.* Philadelphia: Fortress, 1983.

[57] Dunn, J. D. G., Jesus, *Paul and the Law: Studies in Mark and Galatians.* London: SCM, 1990. p. 27.

devido ao fato de que a tradição bíblica veterotestamentária já prevê a redenção dos gentios.[58]

A obra de James D. G. DUNN aqui apresentada, "A nova perspectiva sobre Paulo", é uma coletânea de artigos publicados entre 1983 e 2004, reunidos por DUNN e adicionados a dois artigos inéditos, feitos especialmente para esta edição. Nesta obra, DUNN permite ao leitor que ele participe de sua própria jornada na exploração de questões relacionadas com a teologia de Paulo, dando um panorama do surgimento de novas perspectivas dentro de sua própria perspectiva. Ele também esclarece confusões e equívocos de sua própria abordagem ao entrar em discussão crítica com alguns de seus críticos, bem como com alguns de seus amigos.

Este volume é um excelente testemunho das contribuições de DUNN para a discussão contemporânea sobre Paulo. E o lançamento desta obra certamente vai estimular novas pesquisas e posicionamentos críticos dos leitores em língua portuguesa. O que se espera, porém, com a publicação, é que os apelos de DUNN para a leitura de Paulo a partir do próprio texto paulino seja levada a sério por nós. E, de mais a mais, o que se pode dizer da obra está dito nela mesma. Então, mãos à obra: boa leitura!

Brian Gordon Lutalo Kibuuka

Membro do Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de Coimbra
Membro do Grupo de Pesquisa "Imagens,
Representações e Cerâmica Antiga - NEREIDA"/UFF
Membro do Grupo de Pesquisa "Discurso na
Antiguidade Grega: Texto, Contexto e Memória"/UFRJ

[58] Sanders, E. P. *Paul and Palestinian Judaism*. Philadelphia: Fortress, 1977. p. 43.